



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 267

PALAFITAS, ESTIVAS E SUA IMAGÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE URBANORRURAL DA PAN-AMAZÔNIA

Ligia T. L. Simonian

Belém, Junho de 2010

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-reitor

Horacio Schneider

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Emmanuel Zagury Tourinho

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Armin Mathis

Diretor Adjunto

Fábio Carlos da Silva

Coordenador de Comunicação e Difusão Científica

Silvio Lima Figueiredo

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Edna Maria Ramos de Castro

Fábio Carlos da Silva

Juarez Carlos Brito Pezzuti

Luis Eduardo Aragon

Marília Ferreira Emmi

Nirvia Ravena

Oriana Trindade de Almeida

Setor de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 267

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

PALAFITAS, ESTIVAS E SUA IMAGÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE URBANORRURAL DA PAN-AMAZÔNIA

Ligia T. L. Simonian¹

Resumo:

O uso de palafitas e de estivas como possibilidade de habitação e de acesso forma um conjunto paradigmático para áreas alagadas ou alagáveis¹. O avanço da urbanização na Pan-Amazônia ao longo das últimas décadas é uma realidade indiscutível, o que os dados estatísticos, a produção acadêmica e um olhar ainda que rápido do observador podem confirmar (Browder, Godfrey 2006; Oliveira, 2000; Simonian 2008, 2008-1999). A disseminação destes recursos de moradia nas cidades² e nas áreas rurais³ desta região revela que tal processo não produziu condições de superação de precariedades paisagísticas, arquitetônicas, de falta de saneamento e de ilegalidades. Como resultado de pesquisa preliminar, identifica-se e discute-se as lógicas habitacionais destes ambientes pan-amazônicos.

Palavras-Chave: Palafitas. Estivas. Pan-Amazônia.

¹ No porto de Santos, estado de São Paulo, um dos maiores do mundo, vive cerca de 600 famílias e 1000 pessoas em palafitas unidas por estivas, tudo em condições socioambientais das mais precárias (Barcelos, 2008).

² Principalmente, nas chamadas áreas de baixada ou junto aos igarapés e rios, neste caso incluído as chamadas orlas das cidades. Em Belém, por exemplo, mesmo sobre o lago do Piri – imenso e tão mencionado e desenhado ao tempo colonial – com o passar do tempo foi sendo ocupado por assentamentos humanos.

³ Especialmente, junto aos rios, em áreas de lagos ou mesmo nas praias.

1 INTRODUÇÃO

O uso de palafitas e de estivas como possibilidade de habitação e de acesso forma um conjunto paradigmático para áreas alagadas ou alagáveis⁴. O avanço da urbanização na Pan-Amazônia ao longo das últimas décadas é uma realidade indiscutível, o que os dados estatísticos, a produção acadêmica e um olhar ainda que rápido do observador podem confirmar (Browder, Godfrey 2006; Oliveira, 2000; Simonian 2008, 2008-1999). A disseminação destes recursos de moradia nas cidades⁵ e nas áreas rurais⁶ desta região revela que tal processo não produziu condições de superação de precariedades paisagísticas, arquitetônicas, de falta de saneamento e de ilegalidades. Como resultado de pesquisa preliminar, identifica-se e discute-se as lógicas habitacionais destes ambientes pan-amazônicos.

No âmbito acadêmico, tem se discutido acerca de possibilidades como “ecoarquitetura” ou como ‘urbanismo tropical’ (Oliveira, 1989; Yázigi, 1972). Nesta primeira abordagem, o entendimento centra-se no “Habitar com a floresta, ecologicamente” (Oliveira, 1989, p. 12). Ou, mais precisamente e parafraseando o mesmo Oliveira (1989), ‘Habitar com a floresta e com as águas, ecologicamente’. No que se refere à segunda, a preocupação de Yázigi (1972) é com o equacionamento das possibilidades arquitetônicas com o urbanismo emergente na região amazônica brasileira. Mas, passadas algumas décadas, percebe-se que estas concepções permaneceram como ideário ou em contexto utópico.

Em artigo de memórias, Lima (2008) relembra a casa de madeira de sua infância. Ele a denominou “[...] casa de árvore” (Lima, 2008, p. 45) e refere-se a sua edificação em uma área de baixada. Mas, para ressaltar a dignidade e o conforto das casas de madeira, o autor optou por contraporlas aos barracos e palafitas. Ele não define estas casas, porém, conceitua a de sua infância; ela era “Toda ajeitadinha, tinha assoalho de acapu [*Vouacapoua americana* – LEGUMINOSAS] e pau-amarelo [*Euxylophora paraensis* – RUTACEAS], numa composição bicolor [...]. Era uma casa humilde, confortável, arejada, com muitas janelas e segura, feita com todo esmero [...]” (Lima 2008, p. 45). Ao serem entrevistados, moradores de palafitas da Pan-Amazônia disseram o mesmo,⁷ mas sem contrapor, ou seja, sem desfazer das demais habitações das cidades em que viviam.

Em uma obra em que se discute os ‘fazedores de cidades’, a condição do estar ou viver palafitado ou palafitada é percebida como prenúncio de mudança. Silva (1995, p. 37) subentende em seu texto esta concepção, quando afirma que tem “[...] consciência [de] que [se] muda[rá] a situação [...]”. A foto que acompanha esta afirmação e que aparece na página seguinte da obra ora em discussão é para esta autora paradigmática de algo inaceitável e que precisa ser transformado.

Ainda, do ponto de vista conceitual e ao tratar da geografia do território do Amapá, Guerra (1954) classifica as habitações da Amazônia em palafíticas e de terra firme. Precisamente,

⁴ No porto de Santos, estado de São Paulo, um dos maiores do mundo, vive cerca de 600 famílias e 1000 pessoas em palafitas unidas por estivas, tudo em condições socioambientais das mais precárias (Barcelos, 2008).

⁵ Principalmente, nas chamadas áreas de baixada ou junto aos igarapés e rios, neste caso incluído as chamadas orlas das cidades. Em Belém, por exemplo, mesmo sobre o lago do Piri – imenso e tão mencionado e desenhado ao tempo colonial – com o passar do tempo foi sendo ocupado por assentamentos humanos.

⁶ Especialmente, junto aos rios, em áreas de lagos ou mesmo nas praias.

⁷ Exceto quanto ao assoalho de madeira.

O vocábulo ‘palafita’ embora seja conhecido internacionalmente como habitação lacustre ou que permanece sempre sobre água ou terrenos encharcados é aqui empregado em um sentido mais amplo. Queremos justificar aqui as necessidades de seu uso para as construções feitas sobre estacas que nem sempre estão sobre as águas. Algumas vezes o sítio escolhido é atingido diariamente pelas marés, outras vezes somente na estação das águas é que a casa se torna uma verdadeira palafita. Estas construções podem estar à margem dos rios, em terrenos pantanosos ou mesmo sobre pilares ou estacas (Guerra 1954, p. 221).

Ainda, este autor informa que no recenseamento, para casa aparecem apenas as categorias ‘alvenaria’, ‘madeira’ e ‘outras’. À época, esta classificação reflete certamente a cognição de estudiosos e/ou de técnicos que viviam no sudeste e/ou no sul do país. Anos mais tarde, Yázigi (1972) também define, dentre outras modalidades, o que seja uma casa tipo palafita, mas se remete a esta como uma realidade predominantemente rural. Assim, é só a partir de então que as palafitas e as estivas se disseminam pela região.

Este *paper* trata de palafitas acrescidas de estivas, sendo que se realizou a pesquisa na Pan-Amazônia, especificamente em suas partes ocidental, centro-ocidental e oriental, entre 2002 e 2007. No ocidente, a produção de dados deu-se em Iquitos e em outros assentamentos humanos do rio Solimões; além das áreas ribeirinhas, investigou-se o bairro de Belén, em Iquitos, uma área de baixada alagável⁸. Na parte centro-ocidental da calha do rio Amazonas, fez-se a pesquisa principalmente em Manaus, AM, em Santarém, PA e no rio Aripuanã (AM). Na parte oriental, produziu-se dados nas áreas de palafitas urbanas e ribeirinhas, principalmente de Afuá, de Almeirim (rio Paru), de Barcarena (ilha Trambioca), de Belém, de Curuçá (estado do Pará), de Laranjal do Jari, de Macapá e de Oiapoque (estado do Amapá).

Neste ponto, é de se ressaltar a existência de uma cultura que nesses espaços se consolidou de modo subalterno ao longo da história e que tem nas palafitas e nas estivas alguns de seus ícones. Consequentemente e a tomar-se o enfoque da interdisciplinaridade com base no trabalho de campo e na visualidade (Bateson, Mead, 1942; Fazenda 2003; Malinowski 1922; Simonian 2007), as evidências são reveladoras. Por sua vez, estas se constituem em uma profusão de palafitas, de estivas de acesso, de construções em ruínas, de poluição visual e de lixo, melhor dizendo, de muito lixo.

O que segue é uma discussão teórica sobre palafitas e estivas, principalmente como componentes importantes de uma arquitetura amazônica que remonta a tempos prístinos. Logo, aborda-se os elementos essenciais e historicamente constituídos destas estruturas arquitetônicas, isto na perspectiva de uma construção iconográfica. A seguir, revela-se e analisa-se os dados produzidos durante a pesquisa documental e de campo, bem como a produção fotográfica realizada em áreas dominadas por palafitas e por estivas. E, conclui-se acerca dos elementos centrais das análises produzidas, os quais sugerem a ocorrência de uma simultaneidade quanto a processos de erradicação das palafitas e das estivas, de surgimento de áreas novas com casas tipo palafitas e com estivas e, ainda, de uma tendência de transformação destas estruturas em possibilidades turísticas.

⁸ Aliás, os dados obtidos em 2007 constituem-se em estimativas de 1995: do total de residências de Iquitos, 46.3% eram de pessoas pobres, ou seja, um total de 26,359 habitações; 19.1% das habitações eram de pessoas que viviam em condição de pobreza extrema, o que totalizava 10,874 casas; e o bairro de Belén tinha 33.3% do total de casas de pessoas pobres (Estúdio 1995).

2 UM ESTADO DA ARTE FUNDADO EM FRAGMENTOS: PALAFITAS E ESTIVAS

A produção de habitações estilo palafita tem uma conexão muito estreita com as condições físicoambientais do espaço ou local onde são construídas e com as tradições arquitetônicas da região panamazônica, o mesmo ocorrendo em relação às vias de acesso, as estivas. Ainda, esta relação tem uma afinidade profunda com a cultura indígena de adaptação aos ecossistemas e às condições de produções arquitetônicas nestes contextos e possivelmente desde milênios, pois muitas vezes áreas altas são encontradas nas proximidades, mas são desconsideradas como áreas de moradia (Gallois 1983; Simonian 1993). De fato, isto é bastante encontrável nas margens dos rios da bacia amazônica, onde se constituem os denominados beiradões, e em áreas alagáveis, as baixadas.

Uma paisagem envolvendo palafitas e estivas impacta qualquer olhar, mesmo o dos mais desavisados observadores. Dentre as primeiras questões que emergem, tem-se a da espacialidade e a da temporalidade, bem como a da precariedade material e a da exclusão e, contraditoriamente, o da diversidade cultural. A seguir, como posto por Mata (1987), impõe-se a concepção em torno do espaço, que pode ser público ou privado, como a evocar a concepção dos ancestrais da antiguidade clássica. Porém, nos espaços urbanos plenos de palafitas e de estivas, em geral ‘apinhados’ – como dito pelos moradores destes *loci* –, tal a proximidade destas estruturas, esta dualidade como que dialeticamente se desfaz. E, no que respeita ao tempo, nestas áreas e simultaneamente, os moradores convivem com a tradicionalidade e a contemporaneidade.

A afetividade enquanto parte da relação dos moradores de baixadas com as suas casas também vem sendo explorada. Nesta perspectiva, Costa (1998) destaca este sentimento na construção de um cotidiano tenso fora da casa – em muitos casos, das palafitas, mas que dentro pode se pautar pela harmonia. De todo modo, apesar de muitas precariedades e do empenho das populações que vivem nestas áreas ou nas áreas ribeirinhas e nas mesmas condições, geralmente se observa um cuidado e muita limpeza na parte interna, mas muito lixo e insalubridades de toda ordem do lado externo. Isto pode ser em parte explicado pelo entendimento de que se cuida do que se considera patrimônio privado, mas não do público.

A se considerar a preocupação conceitual da arquitetura acerca das palafitas e das estivas, a proposta sobre o uso da estrutura palafítica e de estivas, o que está sendo seguido no caso dos hotéis de selva ou mesmo urbanos, notadamente, no estado do Amazonas (Nishihata 2008). Entretanto, em termos práticos esta perspectiva tem se restringido a empreendimentos da e para a elite social. E tanto isto se aproxima da verdade, que nos planos de urbanização das áreas de baixadas urbanas da região, especialmente no Brasil, que em nenhum caso esta experiência habitacional milenar foi proposta como possibilidade e/ou aproveitada.

Mas, é possível que uma produção acadêmica mais ampla e sofisticada exista quanto à questão socioambiental, embora apesar de busca intensa, muito pouco se localizou até o momento. Nesta direção, o artigo de Furtado e Santana (1974), uma dissertação e um artigo de Diogo (2008, 2000) são exceções e ambos tratam da vila Barca, de Belém, que até a pouco tinha nas palafitas e nas estivas a sua marca paisagística e cultural. Conforme já assinalado por Diogo (2008⁹), Furtado e Santana

⁹ Esse texto se encontra em fase de editoração, por isto ainda não se tem a página disponível.

previram o “[...] desaparecimento imediato em função do processo de urbanização da cidade [...]”, o que não ocorreu. Porém, a pouco esta vila de tantas palafitas e estivas começou a ser transformada em conjunto habitacional¹⁰. Os trabalhos de Diogo (2008, 2000) apresentam uma abordagem histórica e sociocultural da vila, no que a arquitetura se integra. Apenas recentemente, graduandos dos cursos superiores existentes na região panamazônica começam a se interessar pela questão habitacional nas áreas dominadas por palafitas e estivas.

Artigos de jornais têm abordado a problemática das palafitas e indiretamente das estivas, principalmente por ocasião das enchentes dos rios que as atingem diretamente, em especial em beiradões e/ou nas baixadas nas cidades, e ou da prática da violência, enfim, da criminalidade disseminada nestes ambientes. Em décadas passadas, os jornais de Belém documentaram uma criminalidade exacerbada na vila da Barca, como bem lembrou Diogo (2002); e, dentre outros, os jornais *Diário do Pará* e *O Liberal*. Ao discutir a situação da família contemporânea, inclusive a das palafitas, Sá (2008, p. 2) propõe que “Nossos ‘bárbaros’ estão nas favelas, invasões e palafitas, onde se concentram tantos brasileiros sem qualificação para o trabalho formal. E são exatamente estes excluídos os que mais se reproduzem”. E, por certo, na tentativa de neutralizar o tom preconceituoso de seu texto, este autor também ressalta a importância das políticas educacionais para estes ‘bárbaros’.

E, na contemporaneidade, o alagamento das áreas palafíticas, tanto das rurais como das urbanas, tem garantido manchetes na mídia escrita e televisiva. Nas cidades, isto é associado a entupimento de canais pelo lixo, e no interior ao desmatamento, inclusive das matas ciliares (Simonian 2008-1999). As enchentes anuais das cidades e beiradões são paradigmáticas, pois produzem milhares de desabrigados.

Todavia, desde os anos de 1980, se discutia a precariedade das condições habitacionais do Beiradão e do Beiradinho ou, respectivamente das vilas Laranjal do Jari e Vitória do Jari. Nestes termos, o deputado federal Geovani Borges (1983) discutiu esta realidade na Câmara dos Deputados. Conforme este deputado/autor, com a transferência do Projeto Jari de Jarilândia para Monte Dourado em 1967, os trabalhadores não contaram com apoio quanto às necessidades habitacionais.

Na busca de alternativas, “[...] restou-lhes apenas o recurso de atravessar o rio e estabelecer sua morada precária sobre a lama da margem. [...] Começaram, pois, a surgir as casinhas pobres do Beiradão sobre palafitas, para escapar dos níveis assustadores a que sobem as águas do rio, em determinadas épocas” (Borges 1983, p. 142-143). No início, houve repressão de parte dos guardas do Projeto Jari, porém com a chegada de mais trabalhadores, eles também ocuparam a áreas que veio a constituir o Beiradinho. E os moradores destas vilas também começaram a enfrentar os incêndios.

A considerar-se as duas cidades metropolitanas amazônicas, Belém e Manaus, em nome da contemporaneidade, o que se tem são documentos públicos sobre projetos de reurbanização das áreas dominadas por palafitas e estivas. Dentre os tantos exemplos do que vem sendo feito em Belém, tem-se o Plano de Desenvolvimento Local Riacho Doce e Pantanal – PDLRDP, que se propôs uma espécie de refundação das comunidades (sic) de Riacho Doce e Pantanal (Costa 2008). E, algumas destas, são redefinidas quanto à ocupação humana e chegam a envolver remanejamentos populacionais. Este é o

¹⁰ Até este momento, esse conjunto habitacional já foi parcialmente construído e o que ficou pronto já se encontra ocupado.

caso da área da “Manaus Nova” (Simonian 2008-1999)¹¹. Estes processos têm em sua base primeira obras de macro drenagem. E eles envolvem planos de remanejamento das populações urbanas que vivem em áreas de baixada e nas margens de rios e igarapés.

E ante as mudanças climáticas recentes e as cheias de rios e de outros espaços aquáticos da Pan-Amazônia e, simultaneamente, ante o número crescente de incêndios nas áreas com palafitas e estivas, amplia-se o entendimento de que é importante e urgente a erradicação destes assentamentos humanos. Como posto recentemente acerca de Laranjal do Jari, a orla palafítica e com tantas estivas da cidade ocupa o segundo leito do rio Jari, que só é atingido com mais força por ocasião das cheias e quando exige o deslocamento de parte grande da população, está a exigir o reassentamento da mesma (Corpo 2008). Nestes termos, inclusive, informou-se que todo o apoio governamental – via Ministério das Cidades – MC e governo do Amapá – nestas situações só será viabilizado se os beneficiados aceitarem o deslocamento e a construção de suas residências em áreas não alagáveis.

E foi pensando nessa realidade que, recentemente, Mirna Feitoza (apud Lima 2008) iniciou uma pesquisa sobre as palafitas de Manaus. No seu entendimento, “As razões de ordem teórica e prática que justificam esta pesquisa se dão em função da necessidade de compreender a importância cultural destas moradias antes que elas desapareçam da paisagem urbana [...]” dessa cidade (Feitoza, *apud* Lima, 2008, p. 1). Percebe-se, assim, que é um projeto de natureza “salvacionista”, bem ao gosto dos intelectuais historicistas de fins do século XIX e inícios do seguinte, a exemplo de Franz Boas e de seus seguidores. De todo modo, é uma maneira de documentar aspectos da cultura para a posteridade.

No que diz respeito a esses estilos de habitação e de acesso, se tem obras de arte retratando-os, enfim, constituindo uma imagética a respeito. Nestas obras, se pode identificar tanto contradições como toda uma cultura e dinâmica próprias do viver sobre as águas. No estado do Pará, Diogo (2008) revela a existência destas obras e das literárias sobre a Vila da Barca. Especificamente, trás à tona um filme documentário produzido em 1964, por R. Tapajós. E, também, se refere à documentação fotográfica realizada em 1970, por J. M. Rousseau. No que diz respeito à literatura sobre esta mesma vila, a mesma autora relembra os escritos de Bruno de Menezes, Eneida de Moraes e Benedito Monteiro.

Outros fotógrafos também têm integrado as palafitas e as estivas em suas pautas de trabalho e obras. Dentre estes primeiros, foi possível localizar fotos do início do século XX (Pará, 1908), como as das fazendas do Marajó, algumas constituídas sobre palafitas e tendo as estivas como espaços de acesso. Apollonio Fona (1938, *apud* Simonian 2009) fotografou edificações sobre palafitas e estivas de acesso na orla da cidade de Santarém. Para meados deste mesmo século, como encontrado em Perfil (2000-1998), tem-se uma foto¹² destas mesmas estruturas na cidade de Macapá.

Contemporaneamente, essas palafitas e estivas vêm aparecendo cada vez com mais frequência nas obras de fotógrafos. Este é o caso de Simonian (2008-2000), que tem um trabalho autoral sobre tais estruturas habitacionais e de acesso na Pan-Amazônia, precisamente de áreas rurais ribeirinhas e de cidades. O resultado deste trabalho mostra espaços e situações permeadas por limitações materiais e culturais, mas também por muita criatividade e mesmo festividade. Como se verá mais adiante,

¹¹ Especialmente, a partir do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM.

¹² A sua autoria ainda está por ser identificada.

algumas das palafitas e estivas fotografadas já não existem, pois em seus *loci* se construiu obras de saneamento e de drenagem e/ou espaços públicos e conjuntos habitacionais.

Pinturas e instalações tratando de palafitas e de estivas são igualmente encontradas na produção artística regional. A se pensar em produções em tela, tem-se certamente dentre tantas outras as obras do artista belenense Benedicto Mello,¹³ do peruano Orlando Cordova Rumiche,¹⁴ e o de Evanil Maciel, de Parintins, estado do Amazonas¹⁵. Lúcia Gomes (2002) apresentou uma instalação denominada Estiva no Salão Arte Pará, em Belém, no ano de 2002. Ainda, no que se refere às instalações, recentemente se observou na praça São Sebastião, em Manaus, uma em tamanho miniatura, em que retratou uma palafita e estivas em espaço ribeirinho¹⁶.

Assim, ante o que se dispõe em termos conceituais e de material empírico, inexistem avanços significativos quanto ao *know-how* arquitetônico acerca das palafitas e das estivas. O que se tem é a disseminação do modelo contemporâneo fundamentado no concreto e nos arranha-céus. No entanto, estas estruturas palafíticas e das estivas se mostram resistentes enquanto possibilidades habitacionais e de acesso em áreas alagáveis. E, isto apesar da diferenciação entre os espaços públicos e privados muitas vezes se confundirem.

3 PALAFITAS E ESTIVAS – SÍMBOLOS ARQUITETÔNICOS DE ÁREAS RURAIS E URBANAS PANAMAZÔNICAS

A pesquisa bibliográfica e a de imagens fotográficas são importantes no sentido de definir as palafitas e as estivas em áreas alagáveis como símbolos arquitetônicos da Pan-Amazônia, pois além de serem encontradas em outras áreas, as mesmas ainda se impõem principalmente naquelas situadas na calha do rio Amazonas. O símbolo, como se sabe a partir dos ensinamentos de Turner (1967), é criado em contextos ambientais e culturais específicos, sendo em geral honrados pela população que o produz. E a imagética ou iconografia, neste caso, viabilizado pela fotografia, permite uma aproximação à essência destas realidades. Nestes termos, palafitas e estivas são símbolos da arquitetura indígena e cabocla e se apresentam como elementos do cotidiano de milhares de famílias/pessoas que vivem a região.

Fritz ([1686-1723] 2006), um dos primeiros europeus a documentar a existência de palafitas na região, se refere às habitações dos índios Cambeba da Amazônia ocidental, as quais tinham jiraus no seu interior para que durante a estação das chuvas eles pudessem ali se alojar. No seu relato, ele extravasou seu sentimento de desespero depois de passar muito tempo em um jirau construído pelos indígenas bem acima do assoalho das casas, para fugir das águas que as invadiam até além desta altura. Na Figura 1, tem-se uma imagem de casa palafitada de indígenas desta região, possivelmente

¹³ Sua obra “Palafitas e açaiçais”, de 1998, integra o acervo do estado do Pará.

¹⁴ Com a obra “Vida en el paisaje de Belén, Iquitos” (70cmx90cm; acrílica sobre tela; n. d); a mesma integra a coleção de pintura *naïf* da autora e foi adquirida em Iquitos, em 2007.

¹⁵ Ver a obra Palafitas, que integrou a mostra ‘Peneirando cores’, recentemente realizada em Manaus (Maciel, 2008).

¹⁶ Ao perguntar o preço, o artista informou que a peça não se encontrava à venda e que ele vendia apenas as imagens via fotografia para serem usadas em propaganda.

no mesmo estilo das residências dos que as construíam no século XVII, e que acolheram o jesuíta Fritz.



Figura 1: Casa sobre palafitas dos indígenas Ticuna, em época de estiagem, no alto rio Solimões.
Fonte: Casa (não datado¹⁷).

Para as primeiras décadas do século XX, tem-se fotos em que palafitas e/ou as estivas são destaques. As incluídas no *Álbum do Pará* (Pará 1908) se destacam e são tanto de áreas urbanas, como de paisagens interioranas. Por esta mesma época, Silvino Santos ([n. d.]) “cliquou” os armazéns sobre palafitas do porto de Manaus, como se vê na Figura 2. O fotografo santareno A. Fona fotografou construções palafíticas da parte frontal de Santarém, isto na década iniciada em 1930 (Simonian 2008), como a que se encontra na Figura 3. Neste ponto, importa destacar que Kroehle e Huebner ([1889] 2005) fotografaram Iquitos em 1889, inclusive a rua Belén¹⁸. Porém, em nenhuma das imagens se vê palafitas ou estivas, o que impera na paisagem atual de Belén¹⁹.

¹⁷ Deste ponto em diante, a expressão não datado será referida como n. d.

¹⁸ No bairro homônimo. Ainda, esses fotógrafos repetiram o feito em outras áreas periféricas de Iquitos, como na rua das Lamas e em seus arredores; ver respectivamente, as fotos 8, 10 e 11.

¹⁹ Nas fotos em questão, o que aparece são habitações com paredes iniciadas no próprio solo; certamente, mudanças ambientais e paisagísticas ocorreram no período de pouco mais de um século.



Figura 2: Armazéns sobre palafitas no porto de Manaus.
Fonte: Santos (n. d.).



Figura 3: Construção sobre palafitas na frente de Santarém.
Fonte: A. Fona (1938, *apud* Santos, 1999, p. 253).

Ainda, como reforço à concepção de que a imagem consolida a simbologia enquanto visualidade, para meados do século passado e até os anos iniciados em 1970, tem-se algumas produções quanto a Macapá e Belém do Pará. Nesta primeira cidade, encontrou-se uma foto de área de palafitas conectadas por estivas na Av. Mendonça Junior; ver Figura 4. A mesma é de 1950, mas não se conseguiu ainda identificar a autoria da mesma. Um dos destaques desta foto é o Bar Caboclo que ali existia, precisamente a primeira construção à direita. As fotos que Rousseau fez na vila da Barca foram publicadas vinte anos depois em um jornal de Belém; ver Figura 5. Estas fotos se tornaram paradigmáticas, pois são as primeiras que se conhece sobre esta área de Belém, a qual se transformou em referência cultural nesta cidade.



Figura 4: Palafitas e estivas em Macapá, no ano de 1950.

Fonte: Perfil (2000-1998, p. 238).

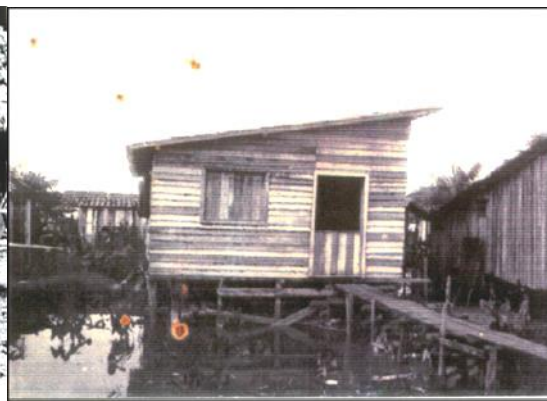


Figura 5: Vista da vila da Barca: área alagada.

Fonte: Rousseau (1970, *apud* Diogo 2008).

Em Manaus, pesquisas do início da década atual evidenciam que as primeiras construções palafíticas surgiram por ocasião do refluxo da economia gomífera, isto entre 1910 e 1920. Então, parte significativa da população que vivia nos seringais migrou para os centros urbanos da Amazônia brasileira. De acordo com Organização/Programa (2002), foi neste período que os igarapés centrais e parte da orla mais afastada do centro da capital do estado do Amazonas começaram a ser ocupados por assentamentos humanos. Nestes termos, as construções ali edificadas eram em estilo palafítico.

Ultimamente, algumas das áreas dessa região com predomínio de palafitas vêm sendo erradicadas, ou seja, substituídas por obras públicas de saneamento, processos de revitalização urbanística e/ou aterramento e construção de conjuntos habitacionais. Por exemplo, em Belém, recentemente, o poder público inaugurou parte do conjunto habitacional previsto para a vila da Barca; na Figura 6, tem-se uma visão artística desta área, precisamente um *grafite*. E, também, o poder público municipal está a estabelecer acordos com os habitantes da área do “portal da Amazônia” junto ao rio Guamá, para que se inicie ali um projeto de revitalização²⁰. Em Manaus, na área do igarapé São Sebastião (Figura 7), no centro, as palafitas ali existentes também já foram em parte erradicadas.

²⁰ Esses moradores terão a opção de permanecerem no local, em conjuntos habitacionais a ser construídos ou poderão ser indenizados, se assim preferirem.



Figura 6: Arte pública com paisagem da vila da Barca, em Belém²¹.
Fonte: Simonian (2006, apud 2008-1999).



Figura 7: Palafitas no igarapé São Sebastião, em época de estiagem.
Fonte: Simonian (2002, apud 2008-1999).

Apesar dessas transformações, o surgimento de áreas novas com construções estilo palafitas e com estivas como via de acesso continuam a surgir na região, notadamente, devido ao crescimento urbano, às migrações constantes, à falta de políticas públicas para habitação para a população de renda baixa etc. Uma área recente surgiu na periferia de Belém, precisamente, o assentamento Paracuri 3, que se localiza em uma parte da orla do distrito Icoaraci (Paracuri, 2006)²². As condições

²¹ Devido ao desgaste da pintura, não se conseguiu identificar o autor dessa pintura mural.

²² A população que ali vive migrou do interior – do baixo rio Tocantins e da ilha Marajó –, sendo que muitos já viviam em outras áreas de Belém, mas pagando aluguel.

socioambientais dos que ali vivem são mais que humilhantes²³. Contraditoriamente, outros assentamentos humanos estão a surgir em condições similares ou mesmo em situação pior.

4 CONSTRUÇÕES E CONDIÇÕES DE ACESSO EM ÁREAS RIBEIRINHAS E CIDADINAS

Em que pese algumas transformações que vêm ocorrendo nas áreas de baixadas da Pan-Amazônia quanto à questão habitacional e de saneamento, é difícil que ao se entrar nelas, não se encontre espaços extremamente precarizadas, mas também alguém melhorando, reformando ou mesmo construindo palafitas ou estivas. De todo modo, independentemente da condição paisagística destas estruturas, o que geralmente se sobressai é uma realidade interna pautada pela organização, criatividade e higiene e, contraditoriamente, por um exterior dominado por lixo e por águas contaminadas. No decorrer da pesquisa, inclusive se observou pessoas construindo suas latrinas palafitadas nas ilhargas das casas, jogando lixo de suas janelas e diretamente nas águas sob as residências, bem como andando na área alagada dentre as habitações e estivas.

4.1 AMAZÔNIA ORIENTAL

Neste ponto, trabalhar-se-á a imagética das palafitas e das estivas das cidades de Afuá, Belém, Laranjal do Jari, Macapá e Oiapoque, bem como as do meio rural, precisamente as do rio Paru (Almeirim, Pará), as da ilha Trambioca (Barcarena (Pará) e as da praia da Romana (Curuçá, Pará). Note-se que nesta última área, tem-se o fenômeno das marés diárias, quando a água sobe e depois de algum tempo baixa. Algumas destas imagens evidenciam a temporada da cheia e outras a da estiagem; também, elas indicam condições socioeconômicas diferenciadas. Naquelas em que há concentração maior de construções, em que os espaços entre as casas palafíticas são quase inexistentes, tem-se uma proliferação de doenças²⁴; segundo Silva (2008), este é o caso da hanseníase nos bairros Guamá e Juruna, em Belém.

Nas Figuras 8 e 9, vê-se palafitas de Belém, ambas localizadas na estrada Nova. Seu futuro parece incerto ante a expansão do que se está a denominar Portal da Amazônia. Este é um projeto de urbanização da bacia da estrada Nova e de construção da orla da avenida Bernardo Sayão, ao longo do rio Guamá, no trecho entre o Arsenal e o campus da Universidade Federal do Pará – UFPA²⁵. Pela

²³ Especificamente, no que diz respeito à falta de acesso à água potável, de saneamento, de desmatamento, de retirada de barro para a produção de cerâmica; ainda, no local tem-se a inexistência de transporte público, de escola e de posto de saúde, isto tudo além da renda baixíssima da maioria.

²⁴ Dentre outras, as de pele, a malária, a dengue, a hanseníase, a leptospirose.

²⁵ Pelo que se pôde verificar até o momento, este projeto está na base de um processo envolvendo *gentrification*, o qual foi a pouco iniciado com a construção de um conjunto habitacional com base em apartamentos de cerca de um milhão de reais, algo bem distante da situação da maioria das pessoas e famílias que vivem nas proximidades.

Figura 10, observa-se uma das lutas das populações que vivem em palafitas quanto ao acesso à água potável, sendo este o caso da que vive na cidade marajoara de Afuá, também conhecida como a “Veneza da Amazônia”.



Figura 8: Tentativa de desobstrução de lixo sob estiva no bairro Jurunas. Foto: Simonian (2007, apud 2008-1999).



Figura 9: Lixo sob palafitas no bairro Jurunas. Foto: Simonian (2007, apud 2008-1999).



Figura 10: Estivas em área de palafitas de Afuá, com fila de vasilhames e

moradores à espera de abastecimento de água potável.

Foto: Simonian (2006, *apud* 2008-1999).

Todavia, na Amazônia oriental e no estado do Pará, encontra-se estruturas arquitetônicas palafitadas e estivas no meio rural. Mais próximo à cidade de Belém, tem-se casas de pescadores aposentados, tipo palafita e com estiva, localizadas em Guajará da Costa (ilha Trambioca, Barcarena). E em Curuçá, o destaque são para as palafitas das áreas praianas (Figuras 11 e 12), como as da praia da Romana, assim construídas para proteger-se das marés oceânicas e das movimentações das dunas.



Figuras 11-12: Estilos de residências na praia da Romana.

Fotos: Simonian (2007, *apud* 2008-1999); Gemaque (2007).

Ainda na parte oriental da Pan-Amazônia, é de se destacar as áreas urbanas palafitadas do estado do Amapá. Dentre estas, por certo as palafitas de Laranjal do Jari são as mais conhecidas, senão pela academia, pela mídia, principalmente a televisiva, que não apenas tem noticiado problemáticas das enchentes anuais, do lixo sempre presente e da criminalidade locais (Figura 13-14). De fato, há de se lembrar situações bem semelhantes nas palafitas da orla de Vitória do Jari, nas periferias de Macapá (Figura 15) e do Oiapoque (Figura 16).



Figura 13: Periferia de Laranjal do Jari, em época de seca.
Foto: Simonian (2002, *apud* 2008-1999).

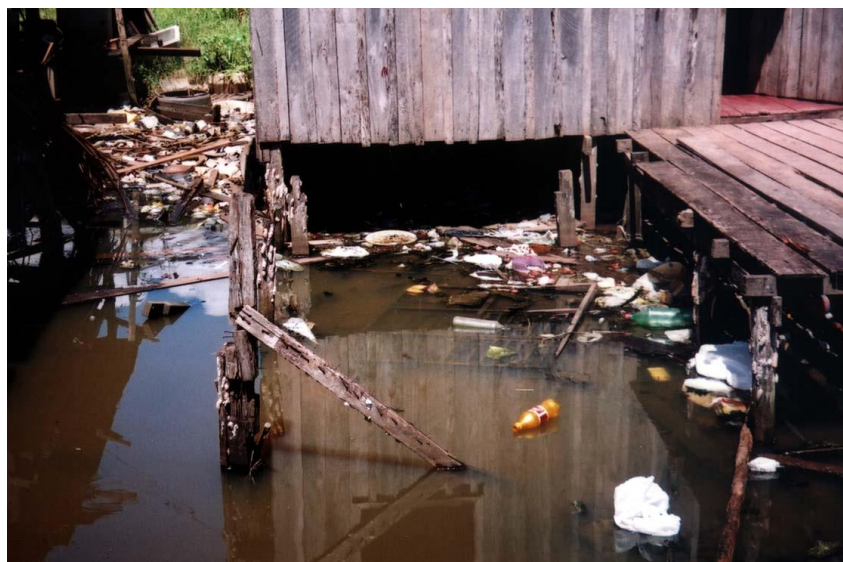


Figura 14: Lixo junto às palafitas de Laranjal do Jari.
Foto: Simonian (2002, *apud* 2008-1999).



Figura 15: Periferia da cidade de Macapá.
Foto: Simonian (2006, *apud* 2008-1999).



Figura 16: Casas palafíticas e estivas na periferia de Oiapoque.
Foto: Simonian (2005, *apud* 2008-1999).

Todavia nessa região e no Pará, as palafitas são frequentes junto aos rios do município de Almeirim, o que se documentou fotograficamente em 2001, quando da realização de pesquisa no rio Paru. Na Figura 17, vê-se uma residência sobre o rio Paru, em sua parte baixa. E na Figura 18, se pode ver casas sobre palafitas, em meio a igapó, neste mesmo rio. Por sua vez, na Figura 19, vê-se parte de uma cozinha e, junto a esta, plantações em estrutura também palafitada, isto nesta mesma área. E nesta, se pode encontrar uma latrina e uma estiva de acesso na Figura 20.



Figura 18: Residências sobre palafitas e em área de igapó, no rio Paru.
Foto: Simonian (2001, *apud* 2008-1999).



Figura 19: Vista parcial de cozinha e de plantas em canteiros sobre palafitas.
Foto: Simonian (2001, *apud* 2008-1999).



Figura 20: Latrina, estiva de acesso e varal com roupas.
Foto: Simonian (2001, *apud* 2008-1999).

Note-se que, não apenas de miséria e violência se vive nessas áreas palafitadas e entremeadas de estivas na Amazônia oriental/estuarina. Em Laranjal do Jari, encontrou-se, em 2002, um poeta nordestino adaptado a este ambiente; e uma travesti, que ali formou família e

se impõe não só pela beleza, mas também pela generosidade²⁶. Na vila da Barca, ao tempo do Círio de Nazaré, a alegria em receber visitantes para que possam assistir de perto o Círio de Nazaré Fluvial é exacerbada. E ali vive o escultor Maurileno Sanches, que trabalha com reciclagem de madeiras descartadas ou trazidas pelas marés e as transforma em obras de arte²⁷. Nestas palafitas e em outras, como nas da ilha Trambioca, muitos amigos se fez porque são pessoas plenas de dignidade e que se impõem pelo respeito e não apenas pela hospitalidade.

4.2 AMAZÔNIA CENTRAL

Na parte central da Pan-Amazônia, palafitas e estivas são encontradas tanto em áreas urbanas como rurais. As imagens que seguem são de áreas palafitadas de Santarém e de Manaus, respectivamente nos estados do Pará e do Amazonas. Conforme posto anteriormente, como em Belém, em Manaus muitas destas áreas estão sendo erradicadas pelo Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus – PROSAMIM.

Esse Programa foi

[...] concebido pelo Governo do Estado do Amazonas [...] tem o objetivo de desenvolver ações sócio-ambientais, de requalificação urbanística e recuperação ambiental de vários igarapés da Cidade de Manaus. O programa conta com o aporte de recursos próprios do Governo, bem como do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Caixa Econômica Federal.

Até hoje, o Prosamim [sic] já remanejou 14 mil famílias de áreas de risco, que viviam em condições sub-humanas de moradia nos igarapés que entrecortam a cidade de Manaus. Como componentes estruturantes do programa destacam-se, ainda, as benfeitorias de engenharia, melhorias ambientais, urbanísticas, viárias, habitacionais e sociais das regiões atingidas pelo Prosamim.

As obras alcançaram os igarapés de Manaus, Bittencourt, Mestre Chico, Quarenta, Cachoeirinha, 13 de Maio, Sapolândia, Franceses, do Franco, Bombeamento e Passarinho (PROSAMIM, 200-, n. p.).

Note-se que, ainda nesta parte da região panamazônica, tem-se estruturas similares nas margens de rios e de lagos, como a encontrada junto ao rio Aripuanã, no mesmo Amazonas.

Em Santarém, por exemplo, há pontos diversos da cidade em que se pode encontrá-las. E, tanto em áreas junto a igarapés como às de baixadas alagáveis, como as que aparecem nas Figuras 21 e 22. Nestas imagens, o destaque é para as estacas sob a casa e sobre ao alagado, para o lixo acumulado – uma insensibilidade da população quanto ao ambiente em que vive – e para o processo de apodrecimento das madeiras devido à umidade.

²⁶ No início da década atual, se dizia que era “[...] a mulher mais bonita de Laranjal do Jari” (Simonian 2002, n. p.).

²⁷ Precisamente, ele produz santas, anjos, mulheres grávidas etc.



Figura 21: Casa palafitada na periferia alagável de Santarém.

Foto: Simonian (2005, *apud* 2008-1999).



Figura 22: Palafitas em área alagável da periferia de Santarém.

Foto: Simonian (2005, *apud* 2008-1999).

As imagens de palafitas de Manaus ora apresentadas são da área central desta cidade e de uma parte de sua orla. Precisamente, na Figura 23, vê-se uma área de palafitas antigas, situadas no igarapé São Sebastião, nas proximidades do Centro Cultural Palácio Rio Negro; as mesmas já não existem, tendo sido há pouco destruídas para dar lugar aos trabalhos de saneamento no contexto do PROSAMIM. E as que se vê na Figura 24, encontram-se como que incrustadas em área alta e de barranco do bairro São Raimundo, sendo conectadas à rua pela parte de trás e ao rio por escadas que saem das varandas existentes na frente das casas ou então, da parte de trás das casas e onde as montarias se encontram ancoradas.



Figura 23: Palafitas do centro Figura 24: Palafitas na orla do bairro de São Raimundo de Manaus, recentemente erradicadas. Foto: Simonian (2006, *apud* 2008-1999). Foto: Simonian (2004, *apud* 2008-1999).

Também, algumas áreas rurais dessa região trazem a marca das estruturas palafíticas. Por exemplo, é comum a construção de hortas suspensas ou sobre estacas de pequeno porte e destinadas ao plantio de temperos e de algumas hortaliças. Na Figura 25, tem-se uma destas estruturas construída junto ao rio Aripuanã, em colocação localizada na margem esquerda do rio Aripuanã, estado do Amazonas, defronte à localidade conhecida como Prainha Nova. Com esta estratégia, esta modalidade de horta fica a salvo no período das cheias.



Figura 25: Canoa “furada” usada como base sobre estacas para horta doméstica. Foto: Simonian (1999, *apud* 2008-1999).

Todavia, foi no entorno de Manaus e na parte sul da Amazônia central, precisamente em Rondônia, que uma tendência nova quanto ao estilo palafítico e de estivas passou a ser promovida com o intuito de se aproveitar elementos da cultura indígena e cabocla da região, em especial quanto à paisagística e à arquitetura. Nesta direção, esta tendência aparece principalmente na construção de uma hotelaria contemporânea e associada ao turismo ecológico e cultural. Dentre os hotéis mais famosos e conforme divulgado pela mídia estão o Ariaú Towers (próximo à cidade de Manaus), o Palafitas do Lago (Parintins), o Hotel Juma e o Palafita Hotel (Guajará-Mirim, Rondônia)²⁸. Ainda, é de se assinalar que estas são estruturas hoteleiras voltadas para pessoas de nível econômico alto, ou seja, para clientes classe “a”.

4.3 AMAZÔNIA OCIDENTAL

A pensar-se na Amazônia ocidental, percebe-se que as palafitas e as estivas também fazem parte dos processos de adaptação ao meio e da cultura arquitetônica locais. Ao se observar algumas destas áreas, principalmente em Letícia (Colômbia), na margem do rio Solimões e em Iquitos (Peru), verificou-se que a insalubridade e as condições materiais de baixa qualidade são os elementos de maior destaque. Nas Figuras 26 a 29, tem-se aspectos desta realidade, notadamente quanto à sua visualidade ou imagética.



Figura 26: Cena do cotidiano de Belén, em Iquitos.

Foto: Simonian (2007, *apud* 2008-1999).

²⁸ Ver mais informações e imagens fotográficas nas *home pages* destes empreendimentos hoteleiros.



Figura 27: Vista parcial do bairro Belén, Iquitos.
Foto: Simonian (2007, *apud* 2008-1999).

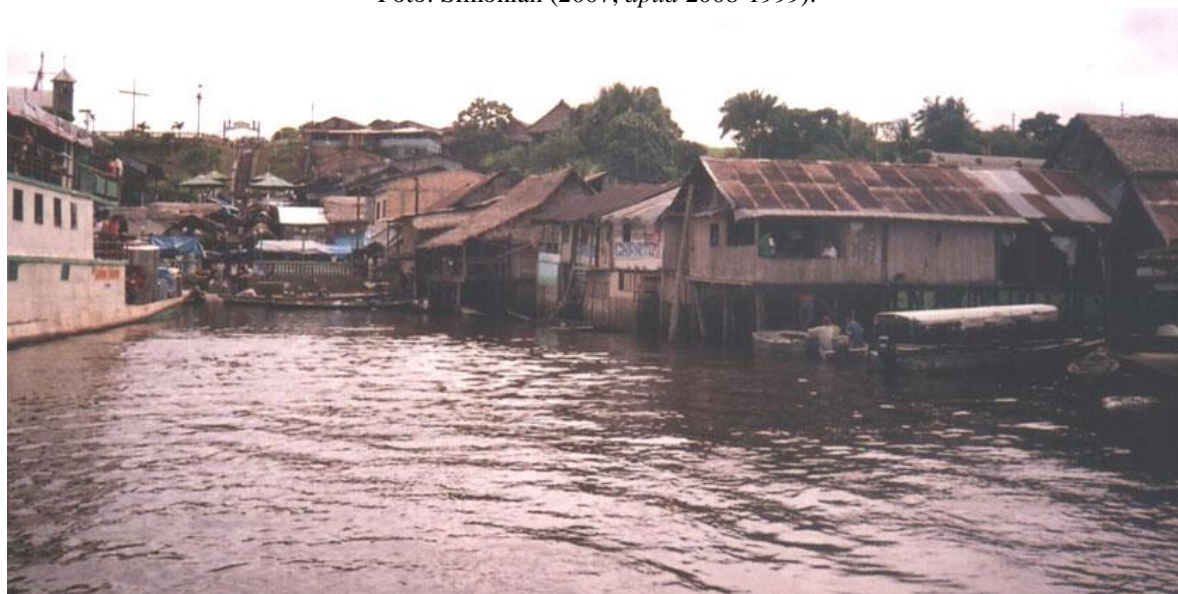


Figura 28: Palafitas na orla de Pebas, rio Solimões, Peru.
Foto: Simonian (2007, *apud* 2008-1999).



Figura 29: Casas palafíticas na orla de Porto Ayacucho, rio Solimões, Peru.

Foto: Simonian (2007, *apud* 2008-1999).

Um aspecto a se destacar quanto a essa realidade é que, à exceção das coberturas das habitações palafíticas de Pebas, tem-se o uso dominante de palha natural nas demais. Ao investigar-se junto a instituto de pesquisa em Iquitos, sobre possíveis projetos de urbanização e saneamento das áreas ocupadas por esse tipo de casas, soube-se que planos não existem até o momento. No entanto, em Belén, observou-se algumas melhorias a respeito, especialmente na área mais próxima à parte contígua mais alta da cidade de Iquitos.

5 NOTAS CONCLUSIVAS

Experiências culturais e arquitetônicas, como as que envolvem a construção de habitações palafíticas e estivas de acesso, são muitas e em muito dependem de condições ambientais específicas, em especial de terrenos alagados ou alagáveis na estação chuvas. E embora este não seja o *locus* de uma pesquisa e análise comparativa, é de se observar que como Fritz ([1686-1723] 2006) fizera em relação às casas palafitadas da Amazônia ocidental. E, isto desde o período colonial.

De fato, outros autores tem estado a documentar tais estruturas arquitetônicas em outras partes do continente sul-americano e mesmo do mundo. Aliás, este é o caso do conquistador Alonso de Ojeda, que em 1499 esteve na região do golfo Coquivaco e em uma localidade homônima – a Maracaibo atual –, onde segundo Rojas (1972), se surpreendeu com as casas construídas sobre as águas, habitadas pelas nações Caiquetía e Goagira, o que inclusive lhe recordou a italiana Veneza. Assim, este paper só pode ser entendido como um resultado preliminar de pesquisa, pois, todavia, muito precisa ser investigado e analisado a respeito desta questão.

No mais, as discussões e as imagens apresentadas ao longo deste *paper* permitem que se destaque algumas conclusões. De todo modo, as mesmas são indicativas da resistência de elementos culturais que refletem a adaptação de seres humanos a ambientes determinados, como o caso das terras

baixas e das áreas ribeirinhas, lacustres e praianas. Aliás, na Pan-Amazônia, as mesmas são dominantes, pois decorrem de uma bacia hidrográfica gigantesca e de áreas significativas de terras baixas, muitas vezes alagáveis.

Consequentemente, as palafitas e as estivas constituem, na Pan-Amazônia, aspectos importantes da cultura ribeirinha, de áreas de baixadas, lacustres e praianas, isto desde os tempos pré-coloniais. São populações indígenas, caboclas e mesmo urbanas quem as utilizam como possibilidade de constituir suas residências. E, apesar da criatividade e de estilos diversos, as estruturas básicas destas possibilidades arquitetônicas persistem.

A criatividade nos contextos dominados pelas palafitas e/ou estivas é expressiva na contemporaneidade, o que se verifica facilmente em campo e na documentação fotográfica inserida neste *paper*. Embora na cultura indígena estas construções fossem e são feitas com distâncias relativas umas das outras, não se sabe se no passado existiram ou não áreas mais densas com tais construções. De todo modo, como se viu neste *paper*, a concentração das mesmas em áreas diminutas termina produzindo impactos no mais das vezes negativos, como a insalubridade, a disseminação de enfermidades e o exacerbar violências de toda ordem.

Essa realidade, no mais das vezes, revela uma qualidade de vida precária. O que se percebe, não raro, é um preconceito generalizado em relação às áreas com casas palafíticas e à presença de estivas. A presença de muito lixo na maioria destas áreas impõe-se como ícone de uma percepção e imagética notadamente negativa.

Ultimamente e particularmente no Brasil, o governo federal tem disponibilizado recursos provenientes de instituições internacionais para a urbanização e saneamento das áreas com palafitas e estivas, principalmente nas cidades de Belém e de Manaus. Porém, estas ações e políticas ainda são muito permeadas por decisões autoritárias. Mas é também nesta parte da Pan-Amazônia, que se verifica a valorização destas estruturas arquitetônicas, a exemplo de sua utilização na hotelaria contemporânea de selva e mesmo urbana.

Referências

ARAÚJO, R. M. A. 1998. *As cidades da Amazônia no século XVIII*. Porto: FAUP.

BARCELOS, C. 2008. *Profissão repórter* (dentre outras questões, tratou das palafitas e das estivas do porto de Santos, estado de São Paulo). Belém: Rede Globo de Televisão; TV Liberal. (04 nov.; 23 h.).

BATESON, G. & MEAD, M. 1942. *Balinese character: a photographic analysis*. New York: NYAS.

BORGES, G. 1983. *Uma esperança para o Amapá: discursos pronunciados e projetos de lei apresentados pelo deputado Geovani Borges*. Brasília: Câmara dos Deputados.

BROWDER, J. O. & GODFREY, B. J. 2006. *Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia brasileira*. Manaus: EDUA.

CASA de índio Ticuna: alto Solimões. N. d. S. 1. (Série de cartões postais Brasil Nativo, n. 64).

COELHO, B. G. 2001. *Tipologia de habitações sobre palafitas na Vila da Barca, Belém – PA: projeto arquitetônico*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Belém: Universidade da Amazônia.

CORPO de Bombeiros do estado do Amapá/Entrevista de representante. 2008. *Bom Dia Amazônia*. Macapá: Rede Globo de Televisão. (13 jun.; programa de telejornal).

COSTA, S. M. G. da. 2008. O trabalho técnico na elaboração de planos acerca do Plano de Desenvolvimento Local Riacho Doce e Pantanal – PDLRDP. In: SIMONIAN, L. T. L. (org.). *Belém do Pará: história, cultura e sociedade*. Belém: NAEA. (No prelo).

COSTA, S. M. G. da. 1998. Como vejo minha casa: representações do espaço casa numa área de baixada de Belém. In: AMIN, M. M. & XIMENES, T. (orgs.). *Habitat nos países amazônicos*. Belém: NAEA-UFPA/UNAMAZ. p. 69-108.

DESAI, N. 1999. Cultivating an urban eco-society: the United Nations response. In: TAKASHI, I.; NEWMAN, E.; PAOLETTO, G. (Ed.). *Cities and the environment: new approaches for eco-societies*. Tokyo: UN University Press. p. 233-255.

DIOGO, A. A. M. 2009. Vila da Barca: perspectivas históricas da construção e reconstrução. In: SIMONIAN, L. T. L. (org.). *Belém do Pará: história, cultura e sociedade*. Belém: NAEA. (No prelo).

DIOGO, Adriane Augusta Melo. 2002. *Vila da Barca – morando sobre as águas: por uma interpretação urbanística situacional*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Urbanismo). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ESTUDIO de pobreza urbana en Iquitos: resumen ejecutivo. 1995. Iquitos. 7 p. datil.

FAZENDA, I. 2003. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus.

FERREIRA, G. Q. 2001. *Assentamentos habitacionais na orla de Belém: o caso da vila da Barca*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado e Licenciatura Plena em Geografia). Belém: Universidade Federal do Pará.

FRITZ, S. 2006. *O diário do padre Samuel Fritz – 1686-1723*. Manaus: EDUA; Faculdade Salesiana. (org. por Renan Freitas).

FURTADO, L. G.; SANTANA, M. da C. 1974. Vila da Barca, Belém: notas sobre grilagem. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, n. 52, p.1-18. (jan.).

GALLOIS, D. 1983. A casa Waiãpi. In: NOVAIS, S. C. de (org.). *Habitações indígenas*. São Paulo: Nobel/EDUSP. p. 147-168.

GEMAQUE, C. 2007. *Habitação da ilha Romana, Curuçá, Pará*. (Fotografia).

GOMES, L. 2002. *Estivas*. Belém: Salão Arte Pará. (Instalação).

GUERRA, A. T. 1954. *Estudo geográfico do território do Amapá*. Rio de Janeiro: IBGE.

LIMA, G. 2008. Casa de árvore: lembranças e imaginação. *O Liberal*, C & D – Construção e Decoração, p. 45. Belém. (07 jun.; revista quinzenal).

LIMA, T. 2008. *Projeto Palafitas: passo largo no incentivo à pesquisa científica*. [Manaus]: Agência FAPEAM. 2 p. (26 maio). Disponível em: <http://www.fapeam.am.gov.br/noticias/n...> Acesso em: 05 abr. 2008. (Em referência ao projeto “Palafitas com texto da cultura amazônica”, de Mirna Feitoza, do Centro Universitário do Norte – UNINORTE).

- MACIEL, E. 2008. Palafitas. In: _____. *Peneirando cores*. Exposição de obras de arte/pinturas em telas; realizada no Centro Cultural Palácio Rio Negro. Manaus: Governo do Amazonas; SEC-AM. p. 1. (22 abr.-30 jun.; convite: frente e verso).
- MATTA, R. da. 1987. Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: _____. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. p. 31-69.
- MELLO, B. 1998. *Palafitas e açaiçais* [tela a óleo]. Belém. (Acervo do estado do Pará).
- NISHIHATA, L. 2008. Show das águas: em Parintins... *RevistaGol*. São Paulo. p. 62-66, 68, 132-133. (jun.; fotos: Claus Lehmann).
- OLIVEIRA, J. A. de. 2000. *Cidades na selva*. Manaus: Editora Valer.
- OLIVEIRA, J. L. Fleury de. 1989. *Amazônia: proposta para uma ecoarquitetura*. Tese (Curso de Doutorado Estruturas Ambientais Urbanas). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas – ONU. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA. 2002. *Relatório de pesquisa sobre condições habitacionais em Manaus*. PNUMA.
- PARÁ. 1908. *Album do estado do Pará*. Paris: Imprimère Chaponet (Jean Cussac). (Organizado a mando do governador Augusto Montenegro).
- PARACURI 3: área do distrito de Icoaraci, Belém do Pará. 2006. Belém: PLADES/NAEA-UFPA. (Dossiê sobre pesquisa exploratória; organizado por Ligia T. L. Simonian).
- PERFIL do Amapá. 2000-1998. Macapá: Colibri Promoções e Publicidades.
- PROSAMIM alcança 11 igarapés e leva melhorias urbanísticas às comunidades [de Manaus]. 200-. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/noticia.php>. Acesso: 08 set. 2009.
- REGINENSI, C. 2002. Visão antropológica das cidades amazônicas: aspectos comparativos entre cidades do Amapá e da Guiana Francesa. *Paper do NAEA*. N. 165, p. 1-18. Belém: NAEA. (ago.).
- ROJAS, A. 1972. *Estudios históricos: orígenes venezuelanos*. Caracas: Oficina Central de Información – OCI; Imprenta Nacional.

SÁ, B. W. 2008. O futuro da família. *O Liberal*, Atualidades, p. 2. Belém. (08 ago.).

SANTOS, P. R. dos. 1999. *Tupaiulândia*. Santarém: ICBS/CAN; Gráfica Tiagão. (3. ed.; com fotos não identificadas de A. Fonna).

SANTOS, S. [n. d.]. Desembarque de mercadorias do Porto de Manaus para armazéns. In: *Calendário de 2008*. Manaus: UFAM. (Fotografia; abr.).

SHOEPF, D. 2005. *George Huebner 1862-1935: um fotógrafo em Manaus*. São Paulo: Metalivros. (2. ed.).

SILVA, J. B. da. 2009. Hanseníase na Colônia do Prata, Marituba. *Papers do NAEA*. N. 234. Belém: UFPA. p. 1-41.

SILVA, S. M. T. da. 1995. Haverá um novo dia. In: BOLIVAR, T. (Org.). *Hacedores de ciudad*. Caracas: FAU-UCV; Fundación Polar. p. 37-39.

SIMONIAN, L. T. L. 2009. *Memória, arte e criatividade na fotografia do santareno Apollonio Fona – 1897-1938*. Belém: NAEA; Manaus: Ed. Valer.

SIMONIAN, L. T. L. 2008. *As cidades Panamazônicas dos circuitos fronteiriços e de insustentabilidades múltiplas*. Belém. (Working paper; arquivo pessoal).

SIMONIAN, L. T. L. 2008-1999. *Cidades Panamazônicas: notas de campo e documentação fotográfica*. (Arquivo pessoal).

SIMONIAN, L. T. L. 2007. Uma relação que se amplia: fotografia e ciência sobre e na Amazônia. In: KAWHAGE, C.; RUGGERI, S. (Org). *Imagens e pesquisa: ferramentas de compreensão da realidade amazônica*. Belém: Editora do NAEA. p. 15-52.

SIMONIAN, L. T. L. 1993. *Notas de campo e produção fotográfica entre os Waiãpi*. Aldeia. (Arquivo pessoal).

TURNER, V. 1967. *The forest of symbols: the aspects of the Ndembu ritual*. Ithaca: Cornell University Press.

YÁZIGI, E. 1972. *Études préliminaires en vue d'un urbanisme tropical pour l'Amazonie brésilienne*. Tese (Doctorat de 3^e Cicle). Paris: Université de Paris.

ⁱ Professora e pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: simonianl@gmail.com.

Note-se que uma versão preliminar deste paper foi apresentada no II Seminário Imagem & Pesquisa na Amazônia: Visualidades Urbanas e Regionais no contexto do XII Encontro Nacional da ANPUR, realizado em Belém em 2007, entre 22 e 27 de maio. A autora aproveita para agradecer esta oportunidade e a possibilidade desta publicação aos editores da Revista *Anthropológicas* (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE), bem como às pessoas que vivem nas áreas ribeirinhas do interior e nas cidades e em palafitas e que se obrigam a usar estivas para acessar suas residências e os outros espaços no entorno por a terem recebido e disponibilizado seu tempo para responder as muitas perguntas feitas. Ainda, agradece à Elvira Elisa França, a Marcelo Moreira Santos e a Luis Limache pelo apoio na realização da pesquisa de campo e documental, respectivamente de Manaus, de Macapá e de Iquitos; e a Charles Gemaque, por ter permitido a inclusão neste trabalho de uma foto sua, de palafita da praia Romana, de Curuçá. O mesmo há de ser dito à família do Sr. Borotó e Sr^a. Cândida, da ilha Trambioca (Barcarena, PA), à Socorrinha e família (Laranjal do Jari, AP), por terem hospedado a autora e recebido os alunos que a acompanharam a campo, em suas habitações tipo palafitas, as quais contam estivas de acesso. Também, agradeço à Dr^a. Helena Doris Quaresma, por ter chamado a minha atenção à obra de Rojas (1972).